

DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA COMPLEXA PARA A COMPREENSÃO DO SIMBOLISMO PSICODÉLICO

Ricardo Nogueira Ribeiro

Doutorando em Psicologia (UFSJ), Professor (UECE), Mestre em Psicologia (USP), membro do InterPsi e do Grupo Caminhos Junguianos

Palavras-chave: Psicologia analítica, psicodélicos, método.

Resumo

Paralelamente à compreensão crítica de Jung e de seus colaboradores próximos a respeito do uso de drogas constata-se mesmo hoje no campo da Psicologia Complexa um relativo silêncio acerca do uso ritualístico de substâncias psicoativas. Com a ampliação do uso religioso de psicodélicos na contemporaneidade, que alcançou mesmo os grandes centros urbanos, e tendo em vista também seu fim não-religioso, a visão da psicologia junguiana sobre essas substâncias queda desafiada senão a atualizar-se, pelo menos a manifestar-se, uma vez que, para além disso, também a psicoterapia assistida por psicodélicos vêm sendo objeto de debates recentes. Objetiva-se por meio da presente investigação avaliar as limitações e possibilidades dos métodos junguianos para a interpretação dos símbolos presentes em experiências psicodélicas, adotando-se como objetivos específicos analisar obras de um autor latino-americano ainda por definir que retratem sua experiência psicodélica e apontar a partir desse exercício interpretativo as resistências colocadas pelo simbolismo contido nas experiências psicodélicas a tais métodos. Para tal, se desenvolverá pesquisa de caráter bibliográfico e qualitativo em que discutir-se-á a literatura do campo junguiano concernentes à hermenêutica junguiana, a literatura acerca das experiências psicodélicas e as obras do autor que resultaram de suas experiências.

Introdução

A história do uso de substâncias capazes de promover alterações no fluxo da consciência se confunde com a história da própria humanidade. Não são poucas as pesquisas no campo histórico e antropológico que retratam a variedade de substâncias e contextos de uso das mesmas. Com a dissolução cada vez maior das comunidades tradicionais pré-ocidentais – onde eram usadas ritualisticamente – vem sendo ampliado seu uso em contextos religiosos (e institucionais, portanto) e ao mesmo tempo do uso recreacional nos grandes centros urbanos.

Diante dos estudos sobre as substâncias indutoras de experiências psicodélicas – tais como a própria mescalina, o ácido lisérgico (LSD), a psilocibina, a ayahuasca, o DMT, o MDMA, dentre tantas outras – muitos termos são elencados, tais como

alucinógenos, psicotomiméticos, enteógenos, psicodislépticos, etc. Alguns possuem forte teor patologizante enquanto outros beiram uma acepção religiosa. No entanto, o termo “psicodélico” (cunhado por Humphry Osmond) possui uma conotação menos tendenciosa, significando aquilo que revela a psique (STRASSMAN, 2019).

O movimento de expansão do uso e investigação dessas substâncias coincidiu com o período final da vida de Carl Gustav Jung. Esse desencontro não o impediu, entretanto, de formular uma posição crítica em relação a elas: seu uso era percebido com desconfiança por ele e seus colaboradores, que nele enxergavam o risco de uma aceleração da irrupção dos conteúdos inconscientes numa consciência imatura.

Após a morte de Jung, muitas transformações se processaram na consciência coletiva ocidental. Houve em 1960 uma considerável expansão do uso de drogas com os *hippies*, o que alcançou também psicoterapeutas e pesquisadores que, deslumbrados com suas possibilidades, realizaram experimentos sem o devido cuidado. Somado aos interesses econômicos dos estados nacionais, as substâncias foram proibidas e os usuários combatidos, culminando na política da guerra às drogas, impactando a investigação científica acerca delas (POLLAN, 2018).

Se o uso de substâncias jamais cessou, resistindo ao poder bélico estatal, observa-se hodiernamente o resgate no desenvolvimento de pesquisas, a ampliação de aplicações clínicas e mesmo a reformulação de leis proibicionistas: o “Renascimento Psicodélico”. Já é discutida e investigada a psicoterapia assistida por essas substâncias, e no cuidado em saúde (e também a nível psicoterapêutico), pessoas demandam que suas experiências com elas possam ser integradas. Assim, como poderia contribuir o método psicológico-analítico para com as necessidades dessas pessoas?

Do mesmo modo que Jung analisara os sonhos, os sintomas e as imaginações ativas de seus pacientes, mas também se utilizava de seu método para a análise de mitos e contos de fada, o quanto o conteúdo experimentado por pelos usuários contemporâneos dessas substâncias poderia ser melhor assimilado pela consciência se interpretado pelo método descrito por Jung?

Desse modo, nosso objetivo geral é avaliar criticamente as potencialidades e limitações dos métodos da Psicologia Complexa para a interpretação do simbolismo psicodélico e nossos objetivos específicos caracterizar a fenomenologia das viagens psicodélicas a partir da literatura atual, tomando como objeto de análise as obras de autor ainda a definir nas quais são retratadas suas experiências psicodélicas,

especialmente para os símbolos nelas manifestos; descrever os métodos junguianos de investigação do inconsciente – associação de palavras, análise de sonhos, contos de fada, visões e imaginação ativa; explorar o potencial da aproximação desses métodos junto aos símbolos psicodélicos e, por fim, apontar as resistências impostas pelo simbolismo psicodélico a eles.

As viagens psicodélicas e as drogas na visão da psicologia junguiana

As viagens experimentadas pelas pessoas não são todas iguais. Elas variam conforme o tipo de substância, o *setting*, isto é, o contexto em que se deu seu uso; o *set*, que é o cenário interior do usuário e, por último, daquele responsável por guiar a experiência, como xamãs, curandeiros ou psicoterapeutas (BESERRA e RODRIGUES, 2020; POLLAN, 2018). Essas experiências podem ser avaliadas como disruptivas, engrandecedoras, dentre outras formas (POLLAN, 2018; STRASSMAN, 2019).

De modo geral, as experiências psicodélicas se assemelham às experiências místicas. Elas são difíceis de se descrever, produzem transformação na atitude, envolvem sensações de conexão com o universo e a percepção de realidades fundamentais (CARDEÑA, LYNN e KRIPPNER, 2013; STRASSMAN, 2019). Experiências psicodélicas também estão associadas a experiências anômalas, que por sua vez interessavam a Jung e a seus colaboradores, tais como experiências mediúnicas, de contato com supostos alienígenas e extra-sensório-motoras (STRASSMAN, 2019).

Von Franz apresenta a inquietação dele em relação às empreitadas exploratórias do inconsciente na época atual por meio de seus “presentes de grego”, ressaltando como poderíamos estar avançando apenas intelectualmente e não também moralmente (VON FRANZ, 1999/1974¹). Apesar disso, Jung estava pouco afeito aos usos terapêuticos das drogas para se posicionar, exceto no que tange à mescalina, cujos efeitos conhecia através de Aldous Huxley (JAFFÉ, 1996/1983).

Nesse sentido, Jung aproximou as apercepções de uma paciente esquizofrênica com o efeito da mescalina, tendo se dedicado a analisar aquelas. Não seria também o mesmo método capaz de ser utilizado para a interpretação dos símbolos presentes das experiências psicodélicas?

Ao se referir à tal substância, Von Franz (1999/1974) a compara ao haxixe, ao LSD, ao ópio e à heroína genericamente como capazes de provocar uma experiência do

¹ Visando melhor precisão histórica, utilizaremos esse modelo quanto tratarmos de textos da psicologia junguiana que tenham tanta disparidade entre o ano de publicação do original e ano da edição a que nos referimos.

inconsciente coletivo. Nesse ínterim, a autora aponta que o inconsciente não passaria incólume à sua exploração irresponsável, mas apresenta também outras possibilidades para o uso de drogas: o de um rapaz que passou por uma *bad trip* e o caso de uma artista que teria se desprendido de restrições graças ao LSD, tendo ambos entendido que era preferível o caminho da análise (VON FRANZ, 1999/1974).

Aniela Jaffé (1996/1983) acrescenta alguns elementos importante para a discussão ao mencionar o fato de Huxley em sua experiência ter vivido também *bad trips* infernais e não somente viagens positivas, o que corroboraria com a tese junguiana da qualidade antinômica do arquétipo (JAFFÉ, 1996/1983). Também importa-nos a menção de Jaffé à bebida que Karl Kerényi descreve nos rituais de Elêusis, o que surpreende, uma vez que o uso ritualístico de substâncias por povos ao longo da história parece não ter recebido atenção por outros junguianos clássicos. Para ela, o ritual protege o sujeito da “irrupção do inconsciente provocada pelo tóxico” (Jaffé, 1996/1983, p. 72).

Método

O procedimento a que aqui nos propomos é o da pesquisa bibliográfica. Tomar-se-á as referências do campo da psicologia analítica concernentes aos métodos de associação de palavras, análise de sonhos, contos de fadas, visões e imaginação ativa e as obras do autor ainda por definir juntamente da literatura especializada sobre experiências com psicodélicos.

Se antevê, portanto, uma pesquisa de abordagem qualitativa, interessando-nos os significados contidos nos textos, buscando aprofundar-nos em sua exploração, visando compreender sua dinâmica e sua complexidade, intentando compreendê-las.

Referências

CARDEÑA, E; LYNN, S. J.; KRIPPNER, S. **Variedades da Experiência Anômala: Análise de Evidências Científicas**. São Paulo: Atheneu, 2013

JAFFÉ, A. **O mito do significado na obra de C. G. Jung**. São Paulo: Cultrix, 1996.

JUNG, C. G. Novas considerações sobre a esquizofrenia (1958). IN: _____. **Obras Completas**, vol. III. Petrópolis: Vozes, 1986.

POLLAN, M. **Como mudar sua mente: O que a nova ciência das substâncias psicodélicas pode nos ensinar sobre consciência, morte, vícios, depressão e transcendência**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

STRASSMAN, R. **DMT - A molécula do espírito: A revolucionária pesquisa de um médico na biologia de quase-morte e das experiências místicas**. Brasília: Pedra Nova, 2019.

VON-FRANZ, M. L. **Psicoterapia**. São Paulo: Paulus, 1999.